

O BRINCAR NA INFÂNCIA SEGUNDO MÃES DE CRIANÇAS NA FAIXA ETÁRIA ENTRE ZERO E QUATRO ANOS DE IDADE

Solange Franci Raimundo Yaegashi¹
Sandra Luciane França²

RESUMO: O brincar na infância tem sido alvo de interesse de pesquisadores de diferentes áreas. Neste sentido, a realização dessa pesquisa justificou-se pelo fato de que o brincar não acontece de repente, mas inicia-se a partir do vínculo existente entre a mãe e o bebê, e se torna essencial para o desenvolvimento psicoafetivo da criança. Nas brincadeiras, as crianças conseguem substituir mentalmente objetos quaisquer por algo real. A infância é um período de apropriações de imagens e representações. Brincando, a criança sente prazer e inicia a organização das suas relações sociais. Tendo por base esses pressupostos teóricos, o presente estudo teve por objetivo investigar a concepção do brincar em mães de crianças na faixa etária de zero a quatro anos de idade. Para a realização da pesquisa, num primeiro momento, fez-se uma revisão bibliográfica sobre a importância do brincar na infância. Num segundo momento, de natureza empírica, foram realizadas entrevistas semidirigidas com dez mães, as quais responderam questões referentes à forma como concebem as brincadeiras e sua importância para o desenvolvimento infantil. Para a análise dos dados adotou-se uma abordagem qualitativa. Com relação aos resultados, constatou-se que as mães, de um modo geral, consideram que as brincadeiras são importantes para o desenvolvimento infantil, sendo que algumas disseram que as crianças brincam porque não têm mais nada para fazer. Entretanto, a maioria afirmou que não tem tempo para brincar com seus filhos e que preferem que esses brinquem em casa com seus brinquedinhos. Chegou-se à conclusão que as mães precisam brincar com mais frequência com seus filhos, pois esta atitude contribui para o desenvolvimento infantil.

PALAVRAS-CHAVE: brincadeiras, brinquedos, infância.

PLAYING DURING CHILDHOOD ACCORDING TO MOTHERS OF CHILDREN FROM 0 TO 4 YEARS OF AGE

ABSTRACT: *Playing during childhood has aroused interest in researchers from different fields of study. Thus, the development of this survey is justified because playing doesn't happen suddenly, but it begins with the link that exists between the mother and the baby, and it becomes essential for the psycho-affective development of the child. When playing games, children are able to substitute, mentally, any object by something real. Childhood is a period of appropriating images and representations. The child feels great pleasure while playing games and initiates the organization of her/his social relationships. Based on these theoretical premisses, the present study had as aim to investigate the conception of playing for mothers of children from 0 to 4 years of age. To carry out this research, at first, a bibliographic review has been done concerning the importance of playing during childhood. Secondly, of empirical nature, semi-directed interviews have been done with ten mothers who answered questions related to how they conceive the child games and their importance for the child development. A qualitative approach has been adopted for the data analysis. Concerning the results, it has been concluded that the mothers in general consider the games as being important for the child development, and some mothers have answered that the children play games because they've got nothing else to do. However, most of them affirmed that they don't have time to play with their children and that they prefer the children to play at home with toys. It was possible to reach the conclusion that the mothers need to play with their children more often, because this contributes to the child development.*

KEY WORDS: *Games, Toys, Childhood.*

¹ Orientadora da Pesquisa. Docente do Curso de psicologia do CESUMAR e do Mestrado em Educação da UEM.

² Aluna do Curso de Psicologia do CESUMAR.

INTRODUÇÃO

O tema "brincar na infância" tem sido muito discutido por professores, pedagogos, psicólogos e outros profissionais interessados no desenvolvimento psicoafetivo da criança pequena (0-4 anos).

Segundo Ariès (1981), no início do século XVII não existia uma separação tão rigorosa como hoje entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e aos adultos. Os mesmos jogos eram comuns a ambos.

Muitos dos brinquedos, como por exemplo, o cavalinho de pau, bonecas, cata-ventos, entre outros, nasceram do espírito de competição construtiva das crianças, ou seja, a imitação de atitudes dos adultos: um exemplo é o cavalinho de pau numa época em que o cavalo era o principal meio de transporte e tração utilizados pelos adultos. O mesmo reflexo anima nossas crianças de hoje quando elas imitam um caminhão ou um carro dirigidos pelos adultos.

De acordo com Ariès (1981), com o tempo, a brincadeira se libertou de seu simbolismo religioso e perdeu seu caráter comunitário. Ou seja, a criança agora podia brincar como quisesse, sem ter que seguir rituais religiosos com funções determinadas pelos adultos nas brincadeiras. Nesse processo, as brincadeiras passam a ser cada vez mais reservadas às crianças, e assumem o papel de depositárias de manifestações coletivas abandonadas pela sociedade dos adultos.

O brincar não acontece de repente, começa mais efetivamente com uma história de amor entre duas pessoas, cujas raízes foram fundadas na relação primordial do bebê com sua mãe. Esta orienta, estimula e facilita o desenvolvimento do ato de brincar que a criança, no início de sua vida (primeiro ano), desenvolve independentemente da mãe. É importante que os pais brinquem com seus filhos, pois assim, estão aumentando seu vínculo afetivo com a criança.

Para Oliveira (2000), no brincar, a criança desenvolve sua inteligência e aprende a representar simbolicamente sua realidade. Isso faz com que ela deixe cada vez mais de se ver como o centro das atenções e passe a se colocar no lugar do outro, amadurecendo-se mentalmente.

Dessa forma, este trabalho justifica-se pelo fato de que através do brincar, a criança se humaniza, organiza suas emoções, seus comportamentos sociais e aprende a conciliar de maneira efetiva a afirmação de si mesma à elaboração de vínculos afetivos duradouros. E com isso vai elaborando progressivamente o luto da perda dos cuidados que recebia da mãe, aprende a pensar aos poucos por si próprio e assume responsabilidades. O objetivo geral deste trabalho foi, portanto, investigar qual a concepção que as mães de crianças na faixa etária entre zero e quatro anos têm sobre o brincar.

Investigar a concepção das mães sobre o brincar infantil torna-se necessário pelo fato de que essa é uma atividade que não acontece de repente, mas inicia-se a partir do vínculo existente entre a mãe e o bebê, e se torna essencial para o desenvolvimento psicoafetivo da criança. Assim, a questão que se pretende estudar pode ser colocada nos seguintes termos: a forma como a mãe concebe o brincar influencia na relação que ela estabelece com o filho?

Tal questão é importante, pois a partir dessa informação o psicólogo que atua tanto no âmbito educacional (creches) quanto no contexto clínico poderá orientar de forma mais adequada as mães no relacionamento com seus filhos.

I. O BRINCAR NA INFÂNCIA

1.1 O BRINQUEDO

Segundo Brougère (1997), o brinquedo é um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado a regras ou a princípios. O brinquedo é um objeto infantil distinto e específico: já o jogo cabe tanto à criança quanto ao adulto. Na brincadeira as crianças podem fabricar os objetos. O brinquedo estimula as brincadeiras, pois abre possibilidades de ações coerentes com a representação, desencadeando-as.

1.2 A CRIANÇA E A TV

De acordo com Brougère (1997), a TV vem transformando a vida e a cultura lúdica da criança, orientando-a para a manipulação de objetos, como os brinquedos, por exemplo. Essa cultura lúdica que evolui com a criança é, em parte, determinada por suas capacidades psicológicas. A TV fornece conteúdos para as brincadeiras das crianças, como por exemplo, a inspiração em personagens famosos, cenas do cotidiano de novelas e filmes, lutas, entre outros. Isso ocorre devido ao fato da criança não se limitar a receber passivamente esses conteúdos, mas reativá-los e apropriar-se deles através das brincadeiras. A brincadeira é imaginação, relatos e histórias, e a TV contribui com elementos que podem enriquecer, portanto, o brincar.

O grande valor da TV para a infância é oferecer às crianças que pertencem a ambientes diferentes, uma linguagem mais comum, um suporte de comunicação mais universal. Contudo, a TV também apresenta aspectos negativos, podendo interferir na formação psicoafetiva da criança, principalmente se esta não for estimulada a brincar com outras crianças. Segundo Magnani (1998), o brincar muitas vezes é deixado de lado em nome de passeios feitos em shopping center, como também em nome do progresso tecnológico, que conta com os jogos eletrônicos, games, computador/ internet, entre outros.

Um dos aspectos negativos que a TV traz à criança é o

fato de mostrar um turbilhão de informações prontas, o que muitas vezes inibe a criança de desenvolver sua criatividade. Outro aspecto ruim é passar tanto tempo diante da TV pois os ídolos das crianças passam a ser os personagens de desenhos de filmes e até novelas; papel que seria dos pais. Os vazios das crianças acabam sendo preenchidos pelos heróis, o que as prejudicam muito, pois esses ídolos não as ensinam a ser sensíveis a entrar em ambientes pedindo licença. Do mesmo modo, por exemplo, se alguém está pedindo socorro, elas nada podem fazer, já que tudo que aprendem está do outro lado da tela e não exige esforços nem criatividade.

Contudo, a TV e o progresso tecnológico não podem ser considerados totalmente maus, pois estimulam o raciocínio e preparam a criança para entrar no mundo informatizado. É preciso um equilíbrio entre as atividades realizadas pelas crianças.

1.3 O BRINCAR DO PONTO DE VISTA AFETIVO

Além da possibilidade de incorporação da cultura, através dos jogos e brincadeiras a criança elabora ainda os conflitos emocionais.

Segundo Winnicott (1982), é comum ouvirmos que as crianças livram seu ódio e sua agressão através das brincadeiras. Em parte isso é verdade, pois todas as experiências ruins, os ressentimentos que a criança tiver, podem ser vistos por ela como algo mau dentro dela. Se a criança vive em um bom meio ambiente, ela trabalhará melhor essa agressividade. Devemos aceitar a presença da agressão nas brincadeiras infantis, para que a criança não se sinta desonesta.

É difícil para as pessoas conseguirem perceber que as crianças também brincam para dominar angústias, controlar idéias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados. Geralmente as pessoas pensam que as crianças só brincam por prazer. As brincadeiras são importantes para experiências internas e externas da vida da criança. O adulto pode contribuir para o desenvolvimento da criança ensinando brincadeiras tradicionais, mas sem impedir a iniciativa da criança. No começo, a criança brinca sozinha ou procura a mãe para brincar e, mais tarde, as outras crianças.

De acordo com Winnicott (1982, p. 163), a "brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais." Através do brincar, uma criança pode tentar expressar seus sentimentos em relação às pessoas que fazem parte do seu cotidiano. Segundo Santos (1999), alguns estudiosos defendem que as crianças brincam porque gostam, e se não brincam, algo está errado. Outros dizem que elas brincam para dominar angústias ou esvaziar a agressividade.

1.4 SOBRE A IDADE DE 0-4 ANOS

O desenvolvimento da criança pode ser subdividido, segundo Wasdsworth (1999), em quatro períodos: sensório-motor, pré-operacional, operacional-concreto e operacional-formal. Contudo, neste estudo iremos nos deter nos primeiros períodos.

Período Sensório-Motor: nos primeiros dias de vida, o comportamento do bebê é reflexo. Através da via de reflexo da sucção, ele atinge o segundo mês, fazendo as primeiras diferenciações entre os objetos do seu ambiente imediato. Entre o quarto e o oitavo mês, ocorre a coordenação da visão e do tato: ele pega o que vê. Perto do fim do primeiro ano, o bebê começa a desenvolver a permanência do objeto e a noção de que os outros objetos podem causar eventos. No início do segundo ano, o comportamento tipicamente inteligente começa a aparecer: a criança constrói novos meios para resolver problemas mediante experimentação, começa a se perceber como um objeto entre outros objetos.

Período Pré-Operacional: é dos dois aos sete anos que o pensamento da criança é caracterizado pelo aparecimento de novas capacidades. Estas características são: egocentrismo, centração, ausência de reversibilidade e a inabilidade de acompanhar transformações. O pensamento pré-operacional ainda é pré-lógico, mas não está mais preso aos eventos perceptivos e motores, podendo chegar ao nível de representação e às seqüências do comportamento que, em vez de serem executadas somente no plano das situações físicas, reais, podem também serem mentalmente elaboradas. Este nível é marcado por algumas aquisições dramáticas.

Segundo Pérez- Ramos (2000), do nascimento até os quatro meses de idade, o bebê inicia o controle da cabeça, tronco, da mobilização de seus membros, assim como o despontar do sorriso social e das vocalizações. O bebê começa então a relacionar-se com a mãe, seguindo-a com o olhar e acalmando-se quando ouve sua voz. A mãe se torna então a pessoa mais indicada para brincar com a criança nesse período.

Para a autora é dos quatro a oito meses que ocorre na criança, uma maior desenvoltura na mobilidade corporal e nas habilidades manuais; expressão de variedade de sons; intencionalidade e compreensão de algumas situações de rotina; expressividade nas manifestações emocionais e um maior apego a quem a cuida.

Dos oito aos doze meses de idade, há progressos importantes para o bebê nas características citadas no período anterior (4-8 meses). Agora, consegue ficar em pé e experimenta dar os primeiros passos, apoiando-se nos móveis ou nas pessoas.

Pérez-Ramos afirma que, de um aos dois anos, os progressos que a criança faz a permite mobilizar-se independentemente; explorar seu ambiente habitual;

estabelecer relações mais claras de causa e efeito; conhecer o objeto por seu uso; empregar intermediários para alcançar o que deseja assim como antecipar resultados simples de ações cotidianas. Começa adquirir maior equilíbrio, flexibilidade e coordenação dos movimentos corporais. Desenvolve agilidade, precisão e diferenciação dos movimentos das mãos e dos dedos.

Mais aproximadamente perto dos dois anos, a criança começa a ter progressos maiores na área da linguagem, na capacidade de resolver situações-problemas simples, na extensão da convivência e na agilidade corporal e manual. Mais tarde iniciará no jogo de faz-de-conta, onde precisará de brinquedos de casinha, cavalinhos de pau, entre outros, que facilitem suas atividades lúdicas.

Segundo Oliveira (2000), crianças de dois a quatro anos, através do brincar, podem aprender a articular realidade e fantasia, como também o presente e passado. Há uma passagem da inteligência mais voltada para o aqui e o agora, para a gradual utilização de ferramentas simbólicas.

Até os dezoito meses a criança organiza a sua realidade física, sua forma lúdica, imagética e verbal. Dos dezoito aos trinta e seis meses, ela navega no universo do real e da fantasia com facilidade e desenvoltura. No terceiro ano de vida, as brincadeiras simbólicas vão se expandindo e se organizando, apresentando-se então como pequenas cenas, que podem ter mais de um personagem, todos vividos pela própria criança, que os projeta em seus brinquedos. No quarto ano de vida, a brincadeira cresce muito em estruturação e dramatização, tendo-se muita riqueza, complexidade e afetividade (os esquemas afetivos emergem profusa e vivamente).

II. METODOLOGIA

2.1 SUJEITOS

Participaram da pesquisa dez mães de crianças na faixa etária de zero a quatro anos de idade de duas creches localizadas na cidade de Maringá-Paraná. Foi escolhida essa faixa etária porque nesse período, além de jogos de exercícios, as crianças começam a brincar com os jogos de construção e faz de conta, sendo ambos de extrema importância para desenvolvimento intelectual e afetivo.

As participantes foram selecionadas pela diretora de cada creche (sendo cinco mães por creche), segundo a disponibilidade das mesmas para a realização da entrevista. As creches foram escolhidas pela pesquisadora desse trabalho, que verificou como requisito básico para seleção se a creche atendia a crianças a partir de quatro meses.

2.2 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas individuais semi-dirigidas com as dez mães, as quais

responderam questões referentes à forma como concebem as brincadeiras e sua importância para o desenvolvimento infantil. Para as entrevistas, foram utilizados um gravador e um bloco de anotações.

Antes de iniciar as entrevistas, a entrevistadora teve que estabelecer um bom rapport, a fim de ganhar a entrevistada, já que se tratava de alguém desconhecido pela pesquisadora. Se não houvesse essa empatia não teria sido possível coletar os dados.

As entrevistas foram realizadas nas próprias creches, o que favoreceu uma situação mais confortável para as entrevistadas. Realizaram-se duas entrevistas (gravadas e transcritas conforme a fala de cada uma das mães) por dia em cada creche, totalizando cinco dias de entrevista.

2.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Após as entrevistas, o material coletado foi analisado e interpretado segundo a metodologia de análise do discurso, apresentando e discutindo a concepção atual que as mães tinham sobre o brincar. Sendo assim, este trabalho não se comprometeu em comprovar uma realidade, mas teve por objetivo mapear realidades diferentes, pontos de vista diferentes, que são provisórios e construídos historicamente.

Esta pesquisa se caracterizou por um cunho exploratório, cujo objetivo foi obter dados do objeto de estudo, conceituando as inter-relações entre as propriedades do fenômeno e o ambiente em que se constitui.

Para o tratamento dos dados adotamos uma abordagem qualitativa, que implica uma análise dos fenômenos que acontecem. Essa análise quer além do comportamento, quer o que está implícito no comportamento. Teve-se por objetivo compreender, estudar, analisar, interpretar e correlacionar os dados obtidos. Para a verificação dos dados foram criadas quatro categorias de análise: 1) A importância do brincar para a criança, 2) A influência dos desenhos no brincar, 3) A interação mãe x filho durante as brincadeiras, 4) As brincadeiras e brinquedos valorizados pelas mães.

III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a apresentação dos resultados serão mostradas inicialmente duas tabelas com dados referentes às mães entrevistadas e às características de seus filhos. Posteriormente, serão apresentadas as categorias de análise do discurso das mães.

3.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

3.1.1 - *A importância do brincar para a criança*

Nas entrevistas realizadas com as mães, percebeu-se que a maioria destas, de forma direta ou indireta, associa o brincar ao desenvolvimento da criança. A minoria associa o brincar ao fato das crianças não terem mais nada para fazer, de ser uma maneira de passar o tempo e também uma forma de gastar energia.

Tabela 1: Identificação das mães entrevistadas

MÃES	IDADE	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS
MÃE 1	43 anos	pedagoga	3º grau	casada	2
MÃE 2	50 anos	diarista	analfabeta	divorciada	9
MÃE 3	30 anos	técnica administrativa	3º grau	casada	2
MÃE 4	33 anos	enfermeira	3º grau	casada	1
MÃE 5	30 anos	zeladora	1º grau	amasiada	6
MÃE 6	29 anos	contadora	3º grau	casada	2
MÃE 7	30 anos	vendedora	1º grau	amasiada	3
MÃE 8	28 anos	zeladora	1º grau	casada	2
MÃE 9	30 anos	doméstica	1º grau	separada	2
MÃE 10	24 anos	dona de casa	1º grau	casada	2

Tabela 2: Identificação dos filhos que encontram-se matriculados nas creches

Filhos	IDADE	ORDEM DE NASC.
Filho 1	5 meses	2º filho
Filho 2	2 anos/2 meses	2º filho
Filho 3	3 anos/1 mês	2º filho
Filho 4	6 meses	1º filho
Filho 5	3 anos/ 10 meses	4º filho
Filho 6	1 ano/i mês	2º filho
Filho 7	11 meses	3º filho
Filho 8	3 anos/4 meses	1º filho
Filho 9	1 ano/4 meses	2º filho
Filho10	2 anos/7 meses	1º filho

"Brincadeira é uma atividade prazerosa. E é a realização também. Há um desenvolvimento motor, de percepção, de iniciativa, de criatividade, a brincadeira desenvolve isso."(mãe 1)

"Eles brincam porque não tem mais nada para fazer a não ser brincar. Eu acho que distrai a cabeça deles, ajuda o crescimento, ajuda a desenvolver."(mãe 2)

"Eles brincam para desenvolver sua parte motora. O brincar pode deixar uma criança mais saudável, porque a partir do momento que ela está brincando, eu acho que ela está se desenvolvendo, tendo criatividade."(mãe 3)

"Elas brincam no sentido de descoberta. Eu quis trazer ela para a creche porque acho que ela vai brincar, ser estimulada, eu acho que isso vai interferir no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dela."(mãe 4)

"É uma maneira de passar o tempo. A criança tem que ter o momento dela de lazer, se ela pular essa época de brincar, futuramente vai ter problemas."(mãe 5)

"É uma forma de aprendizagem, que faz parte da infância, para o desenvolvimento e crescimento do ser. Traz uma socialização com outras crianças, a criança deixa de ser egoísta e aprende a dividir o mesmo brinquedo."(mãe 6)

"Eu não consigo entender por que eles brincam, eles têm uma energia tão grande que eles têm que fazer alguma coisa. Brincando eles vão conhecendo mais os espaços da vida."(mãe 7)

"Mesmo que sejam brincadeiras bobas, eles se sentem felizes. A criança que não brinca quando é pequena cresce revoltada."(mãe 8)

"Traz segurança."(mãe 9)

"Ajuda a crescer, ficar alegre e sorridente."(mãe 10)

Embora algumas mães tenham associado o brincar a um passa tempo, um meio de gastar energias ou ainda ao fato das crianças não terem mais nada para fazer, Oliveira (2000) argumenta que o brincar na infância tem uma importância fundamental na construção da inteligência e de seu equilíbrio emocional, contribuindo para sua afirmação pessoal e integração social. Então podemos dizer que o brincar traz felicidade e realização para a criança. Quando a criança brinca, está desenvolvendo sua parte motora, mental, emocional e social, fazendo representações simbólicas da sua realidade, desenvolvendo sua criatividade, construindo vínculos, fazendo interações sociais, entre muitos outros benefícios.

3.1.2 - A influência dos desenhos no brincar

De um modo geral, as mães entrevistadas não estão satisfeitas com os tipos de desenhos que seus filhos vêm assistindo. Afirmam haver muita violência (lutas, espadas,

tiros, sangue, inimizades...), e que isso age sobre o emocional da criança fazendo com que estas se tornem mais agressivas em casa, na escola e com os amiguinhos.

"As nossas crianças são reféns de uma mensagem que se a nós chegasse a tempo, não permitiríamos. Existem meios que trabalham sobre a mente das crianças, sobre o emocional da criança."(mãe 1)

"Muitos desenhos são de luta, com espadas. Assistindo aquilo, vão sendo influenciados a fazerem coisas erradas."(mãe 2)

"Nem todos os desenhos são bons para eles verem. Eu acho que a TV está mostrando coisas muito agressivas, e o problema é que eles imitam o que vêem na TV."(mãe 3)

"Vai dos pais escolherem desenhos que tenham fundo moral e não tenham violência com tiros, ficção, seres de outros planetas...."(mãe 4)

"Eu prefiro dar uma coisa educativa."(mãe 5)

"Há desenhos inocentes com os quais a criança aprende muito, e há desenhos que levam à guerra, influenciando para o mal."(mãe 6)

"A minha menina assistiu um desenho e ficou dizendo: "aquele lá mata", "aquele lá mata", ela havia assistido um desenho em que um matava o outro."(mãe 7)

"Eles vêem no desenho as pessoas atirando, quando crescer vão querer fazer igual."(mãe 8)

"Os desenhos estão incentivando à violência, eles estão assistindo lutas, sangue, inimigos e isso os influencia a serem violentos até mesmo em casa."(mãe 9)

"Tem muita violência."(mãe 10)

Embora a maioria das mães tenha afirmado que não estão satisfeitas com o que seus filhos estão assistindo à TV, Brougère(1997) diz que a TV vem transformando a vida e a cultura lúdica da criança, orientando para a manipulação de objetos. As crianças se inspiram em personagens famosos dos desenhos animados e reativa-os em suas brincadeiras. Um dos aspectos negativos, segundo Magnani (1998), é que os ídolos das crianças passam a fazer o papel dos pais e os vazios das crianças passam a ser preenchidos

por esses heróis.

3.1.3- A interação mãe x filho durante as brincadeiras

Nas entrevistas constatou-se que, de maneira geral, as mães acham muito importante estarem reservando tempo para brincarem com seus filhos. Alegam que assim estarão ensinando coisas sobre a vida, passando um referencial de mundo, desenvolvendo mais afetividade na criança para que estas sintam de maneira mais próxima o calor da mãe. Contudo, as mães afirmam que quase não têm tempo de brincarem com seus filhos devido ao trabalho. Muitas chegam cansadas demais, e não têm ânimo para brincadeiras.

"Acho importante porque é uma necessidade da criança, ela saiu de dentro de mim. Eu é que vou passar para ele o referencial de mundo."(mãe 1)

"Eu vou explicando para ele o que tem que fazer, gosto de brincar na sala, tem bastante espaço."(mãe 3 anos)

"Para a própria afetividade e desenvolvimento dela é importante."(mãe, 4 anos)

"Eu acho importante isso (brincar com o filho) porque eu fico pouco tempo com elas e um dia elas vão me cobrar."(mãe 5)

"Eu acho importante os pais terem um tempo para os filhos, dar mais qualidade no tempo. Eu trabalho o dia todo e não dá tempo de ficar com ela."(mãe 6)

"A mãe sempre tem que estar ali brincando para a criança sentir o calor da mãe."(mãe 7)

"O quanto eu posso, eu brinco com ela."(mãe 8)

"Eu acho que quando a gente tira um tempo para os filhos não estamos perdendo, mas sim ganhando."(mãe 9)

"Tem dia que eu não tenho tempo."(mãe 10)

Embora as mães tenham dito que praticamente não têm tempo para brincar com seus filhos e que geralmente estão muito cansadas para o fazer, Ariès (1981) nos coloca a importância do brincar entre mãe e filho, pois para ele o brincar não acontece de repente, mas inicia-se com uma história de amor entre duas pessoas, cujas raízes foram fundadas na relação primordial do bebê com sua mãe, pois,

esta orienta, estimula e facilita o desenvolvimento do ato do brincar que a criança, no início de sua vida (primeiro ano) desenvolve independentemente da mãe.

3.1.4- As brincadeiras e brinquedos valorizados pelas mães

Percebemos através das entrevistas realizadas que apesar das mães, de um modo geral, permitirem que seus filhos brinquem, essas não estão dando muita ênfase para que os mesmos desenvolvam atividades lúdicas em grupo de coleguinhas, nas ruas, nos pátios, ou em outros lugares que ofereçam mais liberdade para o desenvolvimento infantil.

"A minha preferência é que outras crianças estejam em casa com ela.(mãe 1)

" Eu compro bola, carrinhos também... ele gosta. São os únicos brinquedos que eu compro."(mãe 2)

" Ela gosta de lego, mas eu procuro comprar bonecas, carrinhos de boneca."(mãe 3)

"Brinquedos coloridos, de morder e do móbile."(mãe 4)

"Eu quase não compro brinquedos para elas porque têm imaginação fértil."(mãe 5)

"Eu gosto desses brinquedos de encaixe, esses brinquedos pedagógicos."(mãe 6)

"Tem brinquedo que não vale a pena você comprar e dar para o seu filho, agora há joguinhos que você pode comprar uns dez."(mãe 7)

"...bonecas...roupinhas...panelas...são esses brinquedos que ela gosta e que eu costumo comprar para ela." (mãe 8)

"Eu sou contra 80% dos brinquedos de hoje, porque se você deixa seu filho brincar com armas, você pode estar incentivando-o à violência, uma espada pode servir para ele pensar em matar alguém na brincadeira e um dia se tornar verdade. Ele gosta muito de bola, mas eu prefiro comprar carrinhos."(mãe 9)

" Ela gosta de brincar de carrinho, mas carrinho é de menino, então eu insisto em dar bonecas para ela." (mãe 10)

Nas entrevistas realizadas com as mães, houve uma variação nas respostas relacionadas às brincadeiras e aos brinquedos. Algumas mães disseram preferir que os filhos brinquem em casa, e que os amiguinhos vão até lá. Outras falaram que os filhos brincam com os amiguinhos na creche, ou ainda com irmãozinhos em casa. Para Griebeler e Shultz (2001), a criança pequena é iniciada na brincadeira por pessoas próximas que cuidam delas, particularmente a mãe. A criança aprende compreender, dominar e depois produzir uma situação específica, diferente das demais que já conhece. Por isso vemos uma grande necessidade da mãe estar incentivando seu filho a brincar e se relacionar com as outras crianças.

Sobre os brinquedos, umas dão preferência a carrinhos, bolas e bonecas. Outras, a jogos educativos, como o lego. De um modo geral, as mães preferem não comprar esses brinquedos da "moda", pois acham que muitos são violentos. Para Brougère (1997), o brinquedo é um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionada a regras ou a princípios. Este estimula as brincadeiras, pois abre possibilidades de ações coerentes com a representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, ao longo deste trabalho, que o brincar na infância é algo primordial para o bom desenvolvimento motor, mental, emocional e social da criança - que influenciará em que tipo de adulto esta se tornará.

No mundo em que vivemos, nos deparamos cada vez mais com pessoas mecânicas, competindo umas com as outras, e sendo vitoriosos aqueles que conseguem se sobressair em tudo aos demais. Então, desde cedo começa uma cobrança desumana sobre as crianças, que muitas vezes são impedidas de brincar para estudar cada vez mais e mais. O resultado disso colhemos após alguns anos, quando nos deparamos com adultos neuróticos e desequilibrados.

Ficou evidente, para nós, que cada vez mais as mães têm tido menos tempo para investir na educação de seus filhos, bem como em brincadeiras com os mesmos, já que estas trabalham durante longos períodos do dia. Isso faz com que as crianças acabem brincando cada vez mais sozinhas, em frente à TV ou ainda, em alguns casos, em companhia de amiguinhos ou irmãozinhos.

Devido a esse afastamento entre mãe e filho, o vínculo entre os dois acaba sendo afetado, gerando futuramente nessa criança dificuldades de estabelecer relações duradouras, de fazer interação social, dentre outras.

Concluiu-se, com este trabalho, que é preciso estar realizando nas creches e escolas da cidade de Maringá-Paraná palestras e minicursos com mães, professoras e

diretoras sobre a importância do brincar na infância e as consequências que a falta disso pode causar na vida das crianças.

Acredita-se que este trabalho foi de grande valia, pois contribuiu imensamente para o enriquecimento pessoal, acadêmico e futuro profissional, para um melhor entendimento das questões propostas bem como para uma futura atuação mais eficaz, tanto no aspecto clínico, quanto no aspecto educacional.

Portanto, espera-se que as idéias contidas neste trabalho possam ser discutidas e aprofundadas por profissionais e acadêmicos que se interessam e trabalham com o desenvolvimento infantil.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: JC, 1981.
- BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- ROSA, Sanny S. *Brincar, conhecer, ensinar*. São Paulo: Cortez, 1998.
- SANTOS, S. M. P. *Brinquedos e infância: um guia para pais e educadores em creche*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- WINNICOTT, D.W. *A criança e o seu mundo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: JC, 1982.
- GRIEBELER, M.R.; SCHULTZ, D.S. *O ato de brincar*. http:2001, p.1-5.
- OLIVEIRA, V.B.; ANTUNHA, G.L.E.; PÉREZ RAMOS, Q.M.A.; BOMTEMPO, E.; NOFFS, A.N. *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ADAMUZ, C.R.; BATISTA, M. V. C.; ZAMBERLAN, T. A. M. *Você gosta de brincar? Do que? Com quem?* Revista Terra e Cultura, ano XIV, nº 27, 1998.
- BONAMIGO, R. M. E.; KUDE, M. M. V. *Brincar: brincadeira ou coisa séria?* Revista Veritas: Porto Alegre, v. 36, nº 143, 1991, p. 367-389.
- MENDES, M. N.L. *Diz-me como brincas, dir-te-ei quem és*. http: www.google.com.br, 1998, p. 1-2.
- MAGNANI, M.E. *O brincar na pré-escola: um caso sério*. Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1998.
- WADSWORTH, J. Barry. *Inteligência e Afetividade da criança: na teoria de Piaget*. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. Capítulo II.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências humanas e sociais*. Cortez: São Paulo, 1991.
- GUARESCHI, P.A. *Quantitativo versus qualitativo: uma falsa dicotomia*. Revista Psico v. 29, n. 1, p. 165-174. Porto Alegre, 1998.

INSTRUÇÕES PARA A ELABORAÇÃO E ENTREGA DOS ORIGINAIS

Iniciação Científica Cesumar apresenta-se como um veículo de difusão científica e cultural, com o objetivo precípuo de publicar trabalhos originais e inéditos elaborados pelos alunos vinculados ao Programa de Iniciação Científica – PIC do Centro Universitário de Maringá – Cesumar; bem como de trabalhos de iniciação científica de discentes outras IES do Brasil, abrangendo as várias áreas do conhecimento.

Quanto à sua natureza, além dos trabalhos de cunho científico, os manuscritos poderão ser:

- *artigos teóricos ou de pesquisas empíricas;*
- *artigos que discutam e façam reflexões conceituais;*
- *artigos de revisão crítica de área com análise e projeções;*
- *artigos que façam análises históricas;*
- *artigos de investigações avaliativas e/ou tecnológicas;*
- *artigos que apresentem contribuições metodológicas;*
- *artigos que façam revisão de área, de conceitos, de procedimentos e resultados com o intuito de fornecer subsídios às áreas profissionais e científicas praticadas na Instituição ou fora dela;*
- *artigos que apresentem relatos de experiências;*
- *resenha; comentário; documenta (transcrição de documento de interesse específico); conferências; entrevistas; e traduções consideradas relevantes.*

Sendo aceitos os originais, ao Conselho Editorial reserva-se o direito de proceder, se necessário, a alterações não substanciais, como por exemplo, *reparagrafações; correções gramaticais e reformatação, na etapa de editoração.*

Estrutura Dos Originais

No original deve constar, respectivamente: Introdução: onde deverá ser feita uma *apresentação/descrição do problema de interesse e a apresentação do(s) objetivo(s) proposto(s)*. Em seguida devem ser feitas *citações de outros trabalhos já publicados e que tratam da mesma questão de forma direta ou indireta*. Estes trabalhos deverão ser *citados no texto, utilizando-se do Sistema Alfabético ou Autor-data* para a citação (NBR 10520/92). *Neste sistema, a indicação da fonte é feita pelo sobrenome do autor (...) seguido da data de publicação do documento, separada por vírgula e entre parênteses (item 5.2).*

Os autores citados deverão ser plenamente identificados na secção Referências Bibliográficas, e esta secção deverá ser denominada apenas Referências.

Se o trabalho é empírico, deve apresentar descrição clara e completa da secção de Método, descrevendo a metodologia utilizada. A secção Método deverá ser apresentada na seqüência:

Método

- a) Sujeitos/Fontes de Informações (e critérios para a escolha dos mesmos);
- b) Material ou Equipamento utilizado; instrumentos de observação empregados (*se questionários ou entrevistas, citar os elementos do roteiro; se observação descrever as categorias*);
- c) Procedimentos de observação e/ou intervenção; procedimento de coleta e análise dos dados.

Se o trabalho não for empírico, mesmo assim deverão ser descritas as categorias de análise e os conceitos-chave que orientaram os caminhos da reflexão.

É imprescindível a apresentação descritiva dos resultados obtidos, como por exemplo: a descrição dos produtos da intervenção, da manipulação e da reflexão.

O que deverá ser apresentado na secção de Método, porém, serão apenas os resultados mais relevantes, mais